

DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA FORMAÇÃO PRESBITERAL PARA UMA MISSÃO SEM FRONTEIRAS

1º Congresso missionário nacional de seminaristas

Pe. Guy Labonté

Introdução.

Quando falamos em formação presbiteral, nós reparamos com vários aspectos da própria vida humana e espiritual. Já foi trabalhada a dimensão humano-afetiva do formando, do seminarista, que “é uma exigência de seu próprio ministério. É uma decorrência de caridade pastoral que deve ser o fundamento da vida e a meta maior de formação global e permanente” (Diretrizes para a formação presbiteral).

No Documento de Aparecida (DAp 226), a Igreja, quer dizer os membros, discípulos, é convidada a reforçar quatro (4) eixos: a) a experiência religiosa. É oferecer um “encontro pessoal com Jesus Cristo”: convite a uma experiência religiosa profunda e intensa onde se tem um anúncio querigmático e o testemunho pessoal de evangelizadores que leva a uma conversão pessoal (Ref. Os aspectos de processo de formação de discípulos missionários, DAp 278); b) a vivência comunitária. No Documento: “Nossos fiéis procuram comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos”. É criar o ambiente favorável para que os membros se sintam membros que fazem parte de uma comunidade aberta, apostólica e universal. “Isso permitirá maior compromisso e entrega em e pela Igreja”; c) a formação bíblico-doutrinal. É “aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus e os conteúdos da fé, visto que esta é a única maneira de amadurecer sua experiência religiosa”; d) o compromisso missionário de toda a comunidade. É sair ao encontro dos afastados, marginalizados, necessitados de justiça- reconhecimento da dignidade humana, interessa-se por sua situação para incorporá-los no Reino do Senhor. Destes são três eixos diretamente ligados a nosso assunto da dimensão comunitária para uma missão sem fronteiras: viver a experiência pessoal com Jesus Cristo,

relevante com anúncio e testemunho; a vivência comunitária e o compromisso missionário. Se for um convite para as comunidades, ainda mais para nós, presbíteros, gente em formação para um serviço eclesial ao Povo de Deus.

Hoje, queremos abordar a dimensão comunitária que apresenta desafios na sua maneira de ser vivida. De um lado, a comunidade seminarística é constitutiva da vida de formação presbiteral para uma preparação não só a vida futura, mas para uma formação adequada no aspecto “pessoal” e no “social” que abrange o “comunitária”. De outro lado, ela leva a tensões e dificuldades; o que nos obriga a nos perguntar como fazer para amenizá-las e tornar possível uma convivência saudável, de crescimento e amadurecimento dos membros que a compõem. Certo, somos conscientes da exigência da vida em comunidade e também da riqueza que pode gerar para o indivíduo e os seus membros. Por isso, é um convite a descobrir um caminho para integrar os diferentes caminhos pessoais, os desafios, dons, vazios, ausências, imaturidades, bem como experiências profundas de vida, abertura, desejos, projetos, espiritualidade.

A professora Helena T. Rech, STF inicia seu artigo: “Encruzilhadas da vida em comunidade. Espiritualidade e comunitariedade” na revista “*Convergência*” da seguinte maneira: “A vida em comunidade é uma *encruzilhada* de oportunidades e possibilidades de crescimento e amadurecimento humano e espiritual, de criarmos um jeito novo de ser e viver como irmãs e irmãos, no seguimento de Jesus. Contudo, sem ilusões e fantasias. O cotidiano real é duro, desafiador, exigente. Conviver é sempre desafio e convite a acolher as diferenças, a superar-se, abrir-se, dispor-se a amar e deixar-se amar”.

Tratando da formação presbiteral, falamos de um tipo de comunidade, seja de fé, de pessoas que se reúnem por causa de Jesus e de seu projeto. Portanto, “*integra-se numa mesma realidade, uma encruzilhada existencial: a teologal (Deus) e a humana (comunidade de iguais). A experiência integradora do divino e do humano. Essas dimensões integradas resultarão em uma comunidade de fé, que se constituirá um caminho evangélico de vida e seguimento de Jesus; uma comunidade de*

discípulos de Jesus, vivendo o projeto do Reino, comprometidos com os pobres”. Se não será um grupo de profissionais até uma comunidade de homens e mulheres que se conhecem, vivem sob o mesmo teto e socializam juntos, mas não “comungam a vida nem um projeto de fé, nem uma espiritualidade, muito menos um carisma e um projeto missionário, pois cada membro se voltará só para os seus interesses e bem-estar”.

I.- A dimensão teológica da comunitariedade.

A dimensão teológica faz da comunidade expressão da *koinonia* trinitária. Ser e conviver em comunidade para o “formando” é, antes de tudo, um projeto evangélico. Antes de ser construção humana, a vida em comunidade é dom do Espírito. Ser irmão tem sua origem na filiação divina, que se concretiza na convivência em comunidade: congregados pelo amor do Espírito Santo. Nossa filiação se dá em Jesus, o Filho, que foi constituído primogênito entre muitos irmãos e irmãs (cf. Rm 8,29). A vida em comunidade não é resultado de reunião de pessoas, união de pessoas pelos laços da carne ou do sangue, mas comunhão de pessoas unidas pelos laços do Espírito. “Esses laços que transformam a ‘encruzilhada’ num caminho de vida e missionariedade”.

A origem e modelo de toda comunidade cristã é a comunhão de amor das três Pessoas divinas. As CEBs se expressam: “A Trindade é a melhor comunidade”. Somos pessoas criadas pelo Deus trinitário, todo comunhão e relação, a tal ponto que ele só existe trinitariamente. Nós somos sua imagem e trazemos em nós a marca existencial de sua semelhança trinitária.

Essa realidade trinitária é a base mais radical de nossas vidas. Nossa identidade cristã e humana se nutre da presença de tal Mistério, vivido na dimensão relacional de amor e gratuidade, que nos plenifica, alimenta nossas vidas e abrange a totalidade do que somos como pessoas singulares e relacionais. A dimensão comunitária constitui-se-nos existencial. Pelo Espírito, que procede do Pai e do Filho, recebemos o dom de viver em comunidade como irmãos e irmãs.

A prática de Jesus histórico aponta para uma vida em comunidade. Concretamente, Ele mesmo fez a experiência e viveu em comunidade. Os

primeiros discípulos e discípulas que foram convidados para acompanhar formam uma comunidade que vive a unidade (Jo 17,21). Jesus pede a seus seguidores a mesma comunhão fraterna que Ele tem constituído com o Pai (Jo 17,23). Jesus tem transmitido a seus discípulos valores essenciais de fraternidade durante a caminhada cotidiana feita a partir dos fatos, da realidade e das pessoas encontradas. Não foi tanto questão de discursos, de ensinamentos intelectuais, mas uma “transmissão” pode dizer, de coração a coração. Jesus enviou seus amigos, e não “servidores”: o que indica a total confiança numa relação íntima com pessoas escolhidas que se preparam para a “missão”. Eles tiveram um tempo de “experiência pastoral”, enviados no meio do “mundo” para não só uma presença, mas para exercer um ministério bem específico com o “poder” que Jesus tem transmitido.

A comunidade de Jesus torna-se um sinal público de koinonia, da comunhão de pessoas, de bens espirituais e materiais. Jesus organiza em torno de si um grupo de pessoas com o objetivo de serem uma comunidade com uma originalidade, diferente das existentes na época.

- *Ele convida pessoas para “ficar” com Ele e formar uma comunidade de vida, itinerante (Jo 1,39; Lc 5,1-11). Que tipo de pessoas? São simples, do povo, sem grandes recursos como pescadores, vindo de famílias sem grande história, etc; não são santas, mas em processo de crescimento e amadurecimento na fé, como defeitos e virtudes, muito generosas. O que mais importa: pessoas que se sentem atraídas pela pessoa, vida e mensagem de Jesus. “Encontro com Jesus Cristo” que é considerado como primeiro aspecto de formação de discípulo missionário no Documento de Aparecida (DAp 278).*
- *Para formar uma comunidade de irmãos e irmãs. Viver a irmandade nesta comunidade não deve ter sido fácil, dada a diversidade de procedência de seus membros: pescadores, zelotas, publicanos (Mt 1,16ss); 2,14; 3,18) e a pobreza humana dos mesmos. Jesus deixa bem claro que tal comunidade não se constitui pelo saber nem pelo poder, nem pela hierarquia ou pelos laços familiares, mas pela igualdade de todos como irmãos e irmãs:*

“Quanto a vós, não permitais que vos chamem rabi, pois um só é vosso mestre e todos são irmãos. A ninguém na terra chameis de pai, pois um só é vosso Pai, o celeste. Nem permitais que vos chamem de “guias”, pois um só é vossa guia, Cristo. Antes, o maior dentre vós será aquele que serve” (Mt 23,8-11).

- *Uma comunidade aberta e testemunhante.* Jesus é universal. Jesus não quer um grupo fechado ao seu redor. Como é uma comunidade itinerante, esta não se limita aos Doze, a faz uma comunidade aberta. Quantas pessoas acompanham Jesus e os discípulos, as “simpatizantes”, como as mulheres (Lc 8,1-3). Elas são acolhidas como discípulas acompanhando desde a Galileia (Mc 15,41; Lc 23,49). É uma comunidade que testemunha o amor e a solidariedade, compartilhando seus dons, seus bens e o que lhe é oferecido nessa itinerância (Lc 10,7).
- *Comunidade de amigo(a)s e não de empregado(a)s.* A comunhão dessa comunidade chegou a tal ponto que não há mais segredos entre eles:

“Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o faz o seu Senhor. Mas chamo de amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer”. (Jo 15,15).

Começou com a partilha do econômico, mas culminou com a partilha do coração. Rezam, sofrem, estão juntas nas provações, perseguições e na tentação (Lc 22,28-29; Mc 14,33); compartilham as alegrias (Lc 10,17) e aprendem com Jesus a ser uma comunidade de amizade, que convive com a dor e a perseguição (Mt 5,11), sabem que o Reino pertence aos pequenos e que esta alegria ninguém consegue roubá-la (Jo 16, 20-22).

- *Comunidade missionária.* A comunidade de Jesus é formada para ser missionária. Nos anos de itinerância, Jesus acompanha de perto seus discípulos e discípulas, convive com eles, come junto, anda com eles, sofre e se alegra junto. Através dessa convivência ele os

envolve na missão (Lc 9, 1-2: “Jesus convocou os Doze, e lhes deu poder e autoridade sobre os demônios e para curar as doenças. E os enviou a pregar o Reino de Deus e a curar”; Lc 10,1: “O Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos, e os enviou dois a dois, na sua frente, para toda a cidade e lugar aonde ele próprio devia ir”). A missão e o anúncio do Reino é a razão de ser da vida dessa comunidade ao redor de Jesus e de toda comunidade cristã e consagrada.

As primeiras comunidades de Atos (2, 42-47; 4, 32-36) congregam-se na convicção comum de que o crucificado está vivo no meio deles. Vivem em comunhão com o Ressuscitado presente na fração do pão, na oração comum, na partilha dos bens e na missão. É uma comunidade que, sob o impulso do Espírito Santo, começa a viver o projeto de Jesus. O mesmo Espírito do Ressuscitado suscita neles um jeito peculiar de viver em comunidade “num só coração e numa só alma”, impele-os a testemunhar a ressurreição de Jesus, e cada dia a comunidade crescia em número.

O Espírito, princípio dinâmico da comunidade, é o elo de comunhão de seus membros e o vigor na expansão missionária.

- Ser discípulos em comunhão, seja assumir as exigências da vida comunitária é indispensável para os candidatos ao sacerdócio. “O que implica diálogo, capacidade de serviço, humildade, disposição para se deixar interpelar pelos outros,... abertura para crescer em comunhão missionária com os presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, servindo à unidade na diversidade” (DAp 324). “Somos convidados a dar uma resposta de serviço, isto é ser sacerdote”, dizia um padre jovem aos colegas seminaristas. E um deles se lembrando desta, refletiu: “Olhando para Jesus que num profundo relacionamento de amor com o seu Pai serviu, e serviu com amor, amor de cruz. É a esse amor que eu quero servir, ou já sirvo de certa forma, mais quero servir dando uma resposta maior”.
- Jesus chama seus apóstolos acima de tudo para que “ficassem com ele” (Mc 3,14). Na experiência da comunhão e convivência com os outros seminaristas, os discípulos missionários formam a família de

Jesus e experimentam a sua intimidade (Mt 12,49; At 2,42). Somente a efetiva e profunda experiência de comunidade poderá formar o presbítero segundo o modelo deixado por Jesus (PDV 60)(Cf. DAp 269).

- O sentido da vida e da missão do presbítero é determinado pela qualidade e profundidade da sua experiência de comunhão. No Documento de Aparecida, é muito claro no processo de formação de discípulos missionários, um dos aspectos fundamentais é a “comunhão”. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos”. (DAp 278 d). O discípulo é convidado a se reunir em comunidade, participar na vida eclesial e nos encontros com os irmãos; assim vivendo o amor de Cristo na vida fraterna solidária.
- Esta mesma experiência deve ser aprofundada no presbitério para reavivar sempre no coração do presbítero a razão de sua consagração e lhe oferecer o necessário suporte afetivo para o árduo, e muitas vezes solitário, serviço pastoral.

II.- A dimensão psico-humana da comunidade.

“Viver humanamente é sempre conviver”, diz o teólogo Leonardo Boff. Por essa afirmativa, mostra que a vida humana se realiza e acontece numa gama de relações. Na medida em que o ser humano consegue assimilar e acolher o outro e a outra, dentro e fora de si, nessa medida chega a si mesmo e é capaz de criar comunidade, pois viver humanamente é conviver, é relacionar-se com a alteridade. *EU* só existo na relação com um *TU*, isto é, na reciprocidade e no diálogo.

Não nascemos, mas nos fazemos seres comunitários, à imagem de nossa fonte-mãe: a **Trindade**. A própria Trindade não é uma comunhão fechada, mas uma comunhão que se faz na relação eterna do amor das três Pessoas Divinas. E cada uma existe porque a outra existe.

A convivência em comunidade é conquista, construção, processo, abertura. Cada pessoa terá de descobrir-se e descobrir a outra como

sujeito. São muitas encruzilhadas a ser conhecidas, vencidas e integradas, como diz Ir. Helena T. Rech no artigo *“Encruzilhadas da vida em comunidade. Espiritualidade e comunitariedade”*.

Para conviver precisa o mínimo de maturidade humana e afetiva, de liberdade e autonomia.

“O primeiro e fundamental passo para uma relação que seja madura, livre e autônoma é: conhecer-se, reconhecer os próprios limites e carências, escutar e saber lidar com os sentimentos, desejos, emoções, medos, inseguranças, escolhas, conhecer e investir no seu potencial e capacidades”. A comunidade como ela é composta de pessoas concretas que trazem a sua história familiar, sua cultura e sua bagagem pessoal (somática, psíquica e espiritual) tem todos esses elementos estruturais de cada pessoa como “material concreto com o qual se constroem as relações na comunidade”. E as pessoas que constituem a comunidade são protagonistas da mesma como as suas riquezas, seus limites, mas sempre em processo de crescimento e maturação. “Nietzsche afirma que somos artesãos de nós mesmos. Significa que somos seres inacabados e sempre estamos dando um toque e um retoque na construção de nossa autonomia, das nossas relações e da nossa espiritualidade”.

Continua a professora: “Daí surgirem os conflitos e tensões quando, na convivência, as pessoas manifestam seus limites e projeções pessoais na comunidade. Entre essas tensões e conflitos aparece uma tensão entre o pessoal e o comunitário; entre o EU e a ALTERIDADE. Do modo geral, as comunidades respiram, hoje, um ar de subjetivismo, de autoritarismo, de comodismo e consumismo. EU sou o parâmetro, o centro. EU preciso sentir-me bem. Parece não existir um referencial fora, na alteridade, no diferente. A alteridade, o diferente, o novo, o mais das vezes, são uma ameaça ao meu EU, porque só existe o meu desejo, o que eu quero e acho. Esse é um fenômeno que nos afeta a todos na Vida Consagrada, sem exceção”.

“A ausência ou a negação da alteridade na comunidade, na convivência, traz graves conseqüências. O *eu* da subjetividade é sempre resultado de

uma relação intersubjetiva. A interação com os outros sujeitos é uma forma de crescimento humano, afetivo e espiritual.

Assim, podemos afirmar: “Sem o mínimo de maturidade humana e afetiva, de liberdade e autonomia, é impossível conviver”.

III.- A comunidade, espaço de realização e maturidade humana e espiritual.

Vamos considerar os benefícios para as pessoas que vivem uma experiência comunitária.

A comunidade constitui um espaço privilegiado de crescimento e amadurecimento humano-afetivo das pessoas; possibilidade de encontro e confronto com as próprias ambigüidades e valores pessoais. É um espaço de encontro interpessoal, capacitando-nos para criar laços afetivos e partilhar a vida em profundidade. Na perspectiva da vida em comunidade, a comunhão afetivo-humana e espiritual concretiza o amor tornando-nos irmãos e irmãs.

Ela constitui também um espaço de fraternidade onde haverá o cultivo da amizade e um clima de calor humano que podem ser fonte de amadurecimento e crescimento afetivo que nos abre para a vida e para o mundo com seus desafios. Todos estes são momentos favoráveis que são uma boa preparação ao convívio com os leigos. {A afetividade e a espiritualidade são “a pedra de toque” para a vida de comunidade e para relações fecundas e profundas. Assim necessita ser sempre trabalhado em conjunto}.

Outro aspecto para a maturidade na relação em comunidade é o espaço de diálogo, de confrontar-se e de avaliar. Exige de dialogar nas diferenças sem agredir, discutir idéias e pontos de vista sem fortes emoções e avaliar a caminhada com objetividade. Certo, pode aparecer dificuldade na partilha dos sentimentos.

Um outro aspecto pode ser levantado é o espaço do respeito às diferenças. Saber reconhecer as riquezas e os desafios. Riquezas pessoais, culturais e comunitárias que uma pessoa tem para partilhar na sua vida

cotidiana. A pessoa encontra desafios que se apresentam não para acabar com a pessoa, mas, pelo contrário, buscar o fortalecimento.

Considerando a natureza comunitária do ministério presbiteral, enfatizada pelo Vaticano II, o seminarista deve cultivar a capacidade de:

1. Conviver e integrar-se em comunidade; o que necessita fazer parte de um grupo.
2. Assumir gradualmente responsabilidades e desenvolver o espírito de iniciativa;
3. Trabalhar em equipe sabendo dar e receber ajuda;
4. Reconhecer a necessidade do outro e ser solidário;
5. Valorizar o trabalho de outros e saber integrar-se neles;
6. Escutar atentamente o outro.

IV.- ... para uma missão sem fronteiras.

No Documento de Aparecida, alguns lugares de formação de discípulos missionários são enumerados cujo nos Seminários e Casas de formação religiosa. “É necessário um projeto formativo do Seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral: humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em **Jesus Cristo Bom Pastor**”. No DAp 324, “confirmar que os candidatos sejam capazes de assumir as exigências da vida comunitária”: o diálogo, a capacidade de serviço, atitude humilde, valorização dos carismas, disposição para se deixar interpelar pelos outros, obediência ao bispo (a relação a autoridade), “abertura para crescer em comunhão missionária com os presbíteros, diáconos, religiosos(as), leigos (as), servindo à unidade na diversidade”. Convite a sempre ter “a consciência de serem discípulos em comunhão”.

Cultivando no Seminário o espírito de comunhão, manifestando especialmente no amor à Igreja particular, o seminarista deve responder concretamente com quatro atitudes básicas:

1. Estar alegremente disponível ao serviço **na missão** que a Igreja lhe designar. Como todos nós sabemos que “a Igreja é por sua natureza missionária, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG 2). Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos. É viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos. Estar a serviço da vida plena para todos para comunicar vida como esta contemplado no VIII Capítulo do Documento de Aparecida. E a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa. Porque “Deus em Cristo não redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entres os seres humanos” (CDSI 52). Uma missão para comunicar vida: “que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”(outra profunda lei da realidade). Isso é, definitivamente, a missão.

E no Documento de Aparecida, considera que a formação não se realiza antes ou depois da missão, mas na missão. “A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com à própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontra a pessoa”. (DAp 278e). Apelo a considerar todo processo de formação integral.

2. Firmar-se na certeza de que se consagra **para a missão** para a construção do Reino do Senhor; Se fazer presentes aos diversos *rostos sofredores que doem em nós*. DAp sublinha *as pessoas que vivem na rua nas grandes cidades*: eles “requerem da Igreja cuidado especial, atenção e trabalho de promoção humana, de tal modo que enquanto se proporciona a elas ajuda no necessário para a vida, que também sejam incluídas em projetos de participação e promoção nos quais elas próprias sejam sujeitos de sua re-inserção social”(DAp 407).

“É expressão de caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos *migrantes*. Há milhões de pessoas que por diferentes

motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados, sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência, constituem fato novo e dramático”. (DAp 411). Assim, necessita o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade. E não de qualquer maneira, seja estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja particular de acolhida.(cf. DAp 412). Para chegar a esse objetivo necessita “reforçar o diálogo e a cooperação de saída e acolhida entre as Igrejas, a fim de dar atenção humanitária e pastoral aos que se mobilizaram, apoiando-os em sua religiosidade e valorizando suas expressões culturais em tudo o que se refira ao Evangelho” (DAp 413).

De lá, há necessidade que nas Casas de formação (Seminários) “se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para lhe dar resposta pastoral” como esta escrito no DAp (413). Diria de não só tomar consciência, mas de se preparar a ter um espírito de hospitalidade que leva a acolher e considerar a riqueza de “troca” do “acolhido” e do “acolhedor”.

3. Aceitar e valorizar os vários carismas dentro da comunidade presbiteral, contribuindo para o fortalecimento do **apelo permanente à missão** e da comunhão da Igreja particular. “Conscientes e agradecidos porque o Pai amou tanto ao mundo que enviou seu Filho para salvá-lo (cf. Jo 3, 16), queremos ser continuadores de sua missão, visto que essa é a razão de ser da Igreja e que define sua identidade mais profunda” (DAp 373). Antes de retornar ao Pai, Jesus deixou a seus discípulos a missão de “ir e fazer que todos os povos se tornem discípulos” (Mt 28,18). Como discípulos missionários, não desejamos que a influência de Cristo chegue até os confins da terra? No Documento de Aparecida, “o mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem

fronteiras, dispostos a ir 'à margem', àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente”(DAp 376). Por nosso batismo e crisma, nós formamos com coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando nossa capacidade de contato humano e diálogo”(DAp 377). Nós tornamos dispostos a anunciar Cristo, onde não é aceito, testemunhando com nossa vida, com nossa ação expressando a nossa fé.

4. Relacionar-se com as pessoas tendo presente que a manifestação do amor para com cada uma, necessariamente, deve significar o **amor oblato de Jesus**, caminho para o Pai. Se falar de amor oblato de Jesus é o dom total de sua própria vida: “Não tem maior amor que dar a sua vida para os seus”

(Ref. Diretrizes de formação para seminaristas...)

É também oportuno indicar a complementaridade entre a formação iniciada no Seminário e o processo de formação que abrange as diversas etapas de vida do presbítero. A formação é um processo de toda a vida. No DAp 326: “A formação permanente ‘é um dever principalmente para os sacerdotes jovens e precisa ter aquela freqüência e programação de encontros que, simultaneamente, prolongam a seriedade e a solidez da formação recebida no seminário, levem progressivamente os jovens presbíteros a compreender e viver a singular riqueza do “dom” de Deus – o sacerdócio- e a desenvolver suas potencialidades e aptidões ministeriais, também mediante uma inserção cada vez mais convicta e responsável no presbitério e, portanto, na comunhão e na co-responsabilidade com todos os irmãos’ (Pastores Dabo Vobis 76). Isso exige que as Dioceses, Prelazias tivessem projetos articulados, atualizados e bem trabalhados sob a co-responsabilidade dos colegas padres e o senhor bispo, primeiro responsável não só da formação, mas da caminhada de seu presbitério.

Comunidade e missionariedade.

Seguir Jesus e viver em comunidade é integrar paixão por Ele e pelo Reino, cultivando a mística da comunidade de Betânia: sentar-se aos pés de Jesus para escutá-lo longamente e sem pressa- entrar em sintonia ao Projeto de Deus- se entregando a serviço da vida lá onde ela está mais ameaçada.

Uma comunidade, por mais integrada que seja e em que seus membros se queiram bem, sem a missionariedade itinerante , sem compromisso com o povo, com os pobres, não tem sentido e será uma comunidade estéril. Necessita “descer aos porões” da humanidade, encarnar-se como Jesus. Aí compartilharemos as angústias, os sofrimentos, as privações e, igualmente, a luta pelos direitos, das descobertas, das alegrias, das celebrações de vida, dos empobrecidos. Com o povo das periferias a experiência de Deus é vivida no provisório e cotidiano, a solidariedade é concreta, a vida é compartilhada com simplicidade.

Toda comunidade verdadeira é missionária. Sabe que não vai “levar Deus” e seu amor ao povo, mas vai encontrá-lo entre os pequenos e pobres, vai provar seu amor e ternura misericordiosa como os simples o experienciam. Junto a eles, como irmãs e irmãos vamos aprender, descobrir, crescer, amadurecer.

Para que a vida em comunidade seja possível, é necessário:

- Integrar experiência de Deus e missionariedade, dizer não ao ativismo estéril, escolher de dar serviço à vida...
- Despojar-se, viver com o necessário e não deixar-se dominar pelo consumismo, pelo acúmulo de bens, viver com simplicidade. Ter a opção clara para Cristo que veio para Servir, Dar de sua própria pessoa. Ter um ideal, acreditar e por em prática.
- Ter sentido de pertença: sou parte (membro) da comunidade. Partilhar meu saber, meus dons, a criatividade, a alegria, etc. Criar tempos e espaços significativos de convivência e partilha de vida, de espiritualidade, lazer e descanso.
- Entrar na mística da inclusão, da partilha e da solidariedade – abrir o coração e as portas da comunidade para que o pobre faça parte de nossa mesa, de nossa oração, de nosso carisma.

- Abrir-se e dialogar como o novo, o diferente, as culturas, os diversos credos. É eminente missionário.
- Aprender a lidar com as crises e os conflitos, dialogar, acolher e ajudar quem vive este momento na comunidade. É tempo de graça e maturidade.
- Respeitar as individualidades e os dons pessoais e defender os valores comuns da comunidade, seus objetivos, metas e compromissos, avaliando constantemente a caminhada.

Sempre se lembrar que Jesus é o CENTRO da comunidade e que *manter os olhos fixos nele* diminui as distâncias e faz crescer nossa comunhão interpessoal e com ele.

O verdadeiro sentido da comunidade não está na sensação de todos se sentirem bem, mas de todos estarem a caminho, buscando crescer na fé, na entrega, no amor pelo outro e sobretudo, em deixar Deus alcançar-nos e tocar-nos com seu amor. A comunidade deve apontar-nos sempre:

- Deus, como verdadeira meta e sentido último da vida.
- O pobre- “os rostos sofredores que doem em nós” apresentados na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe que são filhos preferidos do Pai. Como foi falado anteriormente, as pessoas que vivem na rua nas grades cidades, os migrantes, e os três outros grupos: os enfermos dando ênfase as pessoas que vivem com o HIV Aids; os dependentes de drogas e os detidos em prisões.

Manaus, julho de 2010

Perguntas:

1. - Comunidade é necessária para a missão: Quais são os elementos da comunidade (vida comunitária) que ajudam realizar melhor a missão?
- E dar exemplos concretos de suas próprias experiências com elementos positivos e obstáculos encontrados.
2. - Quais desafios para nós, jovens em formação, nas atuais condições em que vivemos: globalização, individualismo, consumismo? E como enfrentar as dificuldades e assumir a nossa co-responsabilidade na construção do Reino?
3. -“Nossa capacidade de compartilhar nossos dons espirituais, humanos e materiais com outras Igrejas, confirmará a autenticidade de nossa nova abertura missionária” (DAp 379) Como a nossa Igreja local está “confirmando a autenticidade de nossa abertura missionária” ?
4. - No Seminário, quais são os passos concretos que se vivem em comunhão aos missionários-as que atuam nas situações missionárias, seja no Brasil como na Amazônia, seja na missão além-fronteiras?